

BLUMENAU

em Cadernos

TOMO II

ABRIL DE 1959

N.º 4



BLUMENAU em CADERNOS

Tomo II

ABRIL DE 1959

N.º 4

Indígenas da Bacia do Itajaí

J. Ferreira da SILVA

Aí está um capítulo interessante a ser ainda escrito. Entre os vários historiadores que se aprofundaram no estudo do povoamento, colonização e desenvolvimento das comunas que se espalham pelo território banhado pelos cinco Itajaí e seus milhares de afluentes, poucos se deram ao trabalho de investigar as origens, os usos e costumes dos primitivos habitantes da região.

José Deeke, pesquisador criterioso e sensato, deixou-nos interessantes observações a respeito, não só no seu precioso trabalho "Das Munizip Blumenau und seine Entwicklungsgeschichte" como em artigos esparsos em jornais e revistas.

A contribuição desse historiador blumenauense é de grande valia. Suas observações pessoais, quando diretor da Colônia Hansa-Hammônia, em contato constante com indígenas da zona, quase inexplorada, por onde se estendiam as terras da Companhia hamburguesa, o seu trato com elementos práticos na defesa do migrante contra as constantes investidas dos selvagens, proporcionaram-lhe um grande acervo de conhecimentos, que a sua inteligência ordenada e metódica, soube aproveitar em trabalhos que andam espalhados por publicações periódicas.

Foi, pode-se dizer, o único escritor blumenauense que tratou seriamente do assunto. E graças a êle, podemos, ainda hoje, ter uma idéia do que eram e de como viviam os "bugres" do Itajaí nos tempos que precederam e imediatamente se seguiram às tentativas de colonização do fertilíssimo território. Ao problema do índio do Vale do Itajaí êle dedicou quase todo o 3.º tomo do seu interessante trabalho.

A obra de José Deeke, nesse particular, merece ser reunida e concatenada devidamente, pois faz parte — e parte muito interessante — da história do povoamento do vale do Itajaí.

È sabido que os índios, que os primeiros civilizados aportados à costa catarinense aqui encontraram, foram os carijós "povo pacífico, de boa índole", no parecer quase unânime dos escritores que a êles se referiram. As poucas praias que se podem contar como integrantes da Bacia do Itajaí, em sua pequena orla marítima, certamente também eram povoadas desse gentio. Empurrados pelos civilizados que iam ocupando as terras próximas ao mar, deitando culturas e entregando-se à pesca, os índios foram-se internando nas matas, fugindo à companhia do branco usurpador, votando-lhe ódio e jurando vingança pelas violências com que eram tratados.

Mesmo depois de muitos anos de posse efetiva de toda a faixa litorânea, desde S. Francisco às terras de Laguna, para falar apenas no território catarinense, quando já então fôra aberta a estrada de ligação entre a Vila de N.ª Sra. da Graça e a de Sto. Antônio dos Anjos, vinham os índios do interior atacar, matar e roubar colonos nas praias, junto às quais os brancos tinham as casas e as suas culturas.

Em 1820, quando Saint'Hilaire passou por Itapocú e Barra Velha, encontrou o povo alvoroçado e certamente armando batidas pelas matas próximas, em perseguição de índios que haviam matado dois moradores das redondezas.

Por êsse tempo, e mesmo antes, nos começos do século, os "bugres" eram uma constante ameaça às tentativas que faziam os civilizados para se apossarem e cultivarem os férteis terrenos banhados pelo Itajai-Mirim. Vários foram os assaltos ao estabelecimento de colonos nas zonas de Camboriú e da margem sul do pequeno Itajai.

E quando, no comêço da segunda década de 1800, Agostinho Alves Ramos se estabeleceu na fóz do Itajai-Açu, construindo capela e agrupando moradores em povoados de que se originou a cidade de Itajai, e, dando expansão aos seus planos de exploração e aproveitamento, em grande escala, dos vales ubérrimos dos afluentes do Itajai, vieram também as primeiras providências dos poderes públicos, tendentes a acabar com o enorme entrave que o índio representava à colonização.

Depois dos pouco efficientes postos de pedestres estabelecidos em alguns pontos da estrada do litoral, destinados, entre outras finalidades, a enfrentar e perseguir os selvagens que ousassem molestar os colonos, veio a criação da Companhia de Pedestres do Itajai, entregue ao comando de Henrique Etur, militar que prestou incontestáveis e assinalados serviços na fundação e desenvolvimento das colônias de Pocinho e Belchior, que a lei n.º 11, de 1835, inspirada e redigida por Alves Ramos, mandara estabelecer naqueles ribeirão e no Itajai-Mirim.



* * *

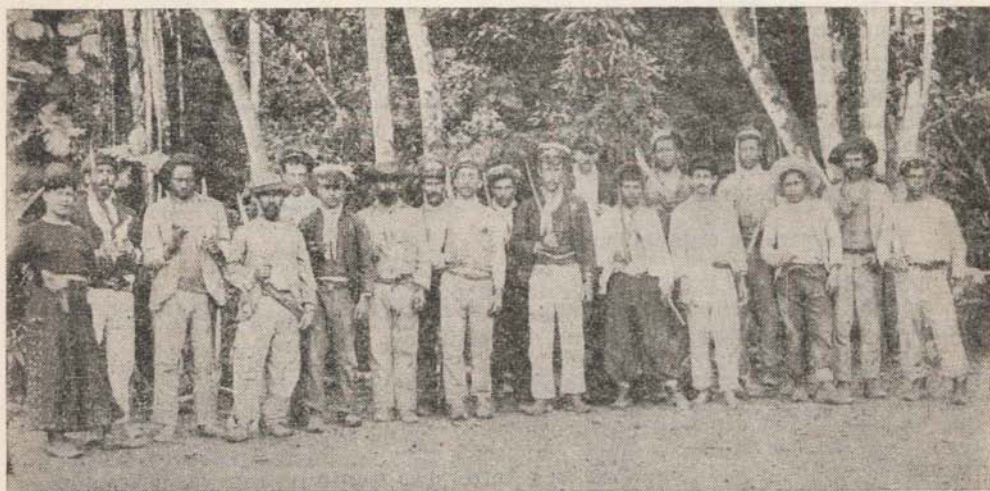
Grupo de botocudos da Bacia do Itajai. Agrupamentos como êsse, vagando pelas florestas, constituíam séria ameaça à vida e aos bens dos colonos mais afastados da sede do estabelecimento do Dr. Blumenau. Mais de um ataque, de que resultaram mortes e avultados prejuízos materiais e morais, foram levados a efeito pelos "bugres" às instalações dos primeiros colonos, inclusive ao próprio acampamento do Dr. Blumenau, na margem do ribeirão da Velha, em 1852. Tem-se notícia de mais de 60 ataques de índios a casas de colonos, com um ativo superior a 40 mortos e muitas dezenas de feridos, somente no território da colônia Blumenau. Justificavam-se, assim, as medidas violentas que, quer o governo, seja a direção da colônia, foram obrigados a tomar para pôr cõbro a essas correrias

* * *

Os velhos documentos dos começos de Pôrto Belo, cuja câmara estendia sua jurisdição por tãda a Bacia do Itajai, estão cheios de referências a ataques de indígenas aos que ousavam abrir roças e plantar ranchos nas matas mais ou menos afastadas das praias.

Faltam-nos elementos para acompanhar as atividades dos pedestres de Etur. Estabelecidos em Belchior, parece que se preocuparam mais em tornar-se, êles próprios, colonos, donos de casas e plantações, do que permanecer em guarda, observando o movimento dos selvícolas, para que os colonos, que Alves Ramos ia mandando de tôda parte da província, se sentissem seguros nos lotes que lhes destinavam. Nisso fizeram bem. Etur adquiriu lotes na sêde da colônia, onde construiu casas de morada, e mandou fazer roças em terras próximas. Imitaram-no os pedestres. Se assim ganhava o progresso da colônia, aumentava a ameaça que o indígena representava para outras zonas que iam sendo colonizadas, como, por exemplo, a nova colônia que o Dr. Blumenau iniciára as margens dos ribeirções da Velha e do Garcia. O incipiente estabelecimento do filósofo alemão, logo no seu segundo ano de existência, vê concretizadas, num ataque ao acampamento da barra do Velha, as várias tentativas anteriores dos selvícolas. Dessa ocorrência ficou-nos um relato interessante do professor da colônia, Fernando Ostermann, em carta dirigida ao fundador, que se encontrava na capital da província. (Ver pág. 38 do Tomo I dêstes Cadernos).

Em seus relatórios, Blumenau chamava, constantemente, a atenção do govêrno, solicitando-lhe providências que dessem aos imigrantes as possíveis seguranças contra as correrias do gentio. Conseguiu, depois de muito custo, trazer para a sede de sua colônia a Companhia de Pedestres de Belchior. Veio-lhe, porém, uma dezena de homens mal treinados, sem prática nem aptidões para a tarefa e, sobretudo, muito mal armados e municiaidos. As suas espingardas velhas e enferrujadas, "negavam três a quatro em cada cinco tiros", numa pitoresca frase do fundador.



Aí está, em todo garbo e disciplina, um batalhão de "batedores do mato", os célebres "batalhões de vigilância", encarregados de afugentarem os índios das proximidades dos estabelecimentos dos imigrantes. O da foto, era comandado por Pedro Antônio Martins, em 1905. Tivemos ocasião de conhecer êsse Martins em 1929 como delegado de polícia de Indaiá e morader em Rio Morto. Era homem magro, franzino, mas valente e afoito. Contava cousas interessantes das suas aventuras como "bugreiro".

Blumenau, em sí, era contrário à violência contra os selvagens; condenava, em cartas e relatórios, as "batidas" sangrentas de que quase sempre resultava o massacre de infelizes índios, principalmente de mulheres e crianças, menos capacitadas para escapar à perseguição através o emaranhado das florestas. Infelizmente, era o método em voga a que os escrúpulos do filósofo

alemão tiveram também que se acomodar. Melhorou a guarda de pedestres e, posteriormente, quando a colônia já estava sob a administração do governo imperial, conseguiu a constituição de um grupo de batedores de mato que sob a direção de Frederico Deeke, com o seu intérprete Jeremias, muito contribuiu, não apenas para manter os índios distantes dos lotes que iam sendo ocupados por colonos, como para orientar a direção da colônia na tarefa expansionista em que se empenhava, fazendo reconhecimento prévio de novas zonas destinadas à colonização. Nesse mister não foram menos eficientes os trabalhos do engenheiro Odebrecht, cuja competência e méritos jamais serão assás louvados. Noutras partes da provincia o problema criado pelos assaltos dos bugres não era menos premente, obrigando o governo a medidas drásticas e a iniciativa privada a providências que exorbitavam da alçada particular. Surgiram os piquetes volantes de batedores, de "bugreiros", como eram conhecidos. Depois da extinção, em 1879, da Companhia de batedores de mato, também na Bacia do Itajaí houve necessidade de lançar-se mão desses piquetes, dentre os quais salientou-se o que deixou fama em toda a região, pela valentia, coragem e tática de seu comandante, Martinho Marcellino, geralmente conhecido por Martinho Bugreiro. Suas "batidas" eram faladas, ecoavam no próprio seio do governo central pela audácia com que se revestiam. Embora ponto controverso, parece que eram feitas com requintes de crueldade, levantando protestos violentos. Muitas mulheres e crianças índias foram apreendidas por Martinho nos pousos atacados de surpresa e trazidos à civilização. Os varões, ou eram mortos, ou encontravam salvação na fuga desordenada para as profundezas da mata.

Infelizmente, o pouco espaço de que dispomos, não nos permite alongar-nos na citação de fatos interessantes, quer no que se refere aos ataques levados a efeito pelos indígenas às instalações dos colonos, quer às empresas organizadas para combatê-los e afugentá-los.

Limitamo-nos, hoje, a transcrever, na íntegra, um dos relatórios de Frederico Deeke pelo qual se pode ter uma idéia, não apenas do interesse com que se procurava afastar, por meios suasórios, o gentio do território da colônia, como o do inteligente aproveitamento das diligências para orientar a direção da colônia sobre a situação e natureza dos terrenos pelos quais entendia prolongar as medições de lotes agrícolas.

E que estas linhas inspirem os pesquisadores do passado itajaiense para que escrevam a história dos nossos índios e do seu desaparecimento quase total:

"A direção da Colônia Blumenau.

Reportando-me à viagem que empreendi nos meses de setembro e outubro, em companhia do intérprete Jeremias André Gonçalves às fontes do Rio Benedito, permito-me apresentar o seguinte relatório.

O objetivo da nossa excursão era o de procurar um acampamento maior de selvagens, para travar relações com os mesmos. A razão de dirigirmo-nos àquela região, era baseada tanto na alegação de Jeremias André, assegurando que naquela direção deveríamos procurar o grande acampamento "Pa-i-Kerée", como também na minha própria convicção, pois os bugres, no seu assalto ao Benedito, há cinco anos, observaram esta direção, tanto no seu avanço como na retirada.

Nós enveredamos mato a dentro além das habitações mais avançadas de colônias do Benedito, seguindo a margem direita do rio até às suas fontes. A nossa direção era, assim, geralmente a noroeste. No princípio a nossa expedição sofreu vários estorvos; tivemos quasi oito dias de chuva, o rio encheu muito e como deveríamos atravessar um afluente, fomos impedidos de prosseguir viagem. O Jeremias adoeceu gravemente, vi-me na obrigação de deixá-lo num rancho, acompanhado de 2 homens, tendo eles nos seguido mais tarde.

Com a melhora do tempo a nossa excursão se desenvolveu bem. Chegamos à divisa das águas do Rio Preto, onde desistimos de prosseguir pela falta absoluta de carne. Tivéramos esperanças de abastecer-nos com caça, mas logo nos primeiros dias o meu melhor cão foi morto por um tigre, e o meu outro cão de caça fugiu para casa; do contrário poderíamos ter prosseguido durante uns 14 dias, talvez, pois notamos bastante antas.

Dos bugres tivemos continuamente vestígios, — sinais antigos, — picadas velhas, muitos coqueiros derrubados, ranchos velhos, as marcas nas árvores onde

foram extraídos ninhos de abelhas, — mas todos estes sinais de um ou dois anos passados. Só próximo ao divisor das águas havia indícios mais recentes. Numa árvore, à margem do rio, tinha um marco, feito a machado, e num caminho de anta vimos, no barro, a pegada de um pé humano.

O terreno que percorremos nesta excursão, achei muito próprio para construção, sem grandes dificuldades, de um caminho, pela divisa das águas do Benedito, à região do Rio Preto, e de lá para São Bento. O terreno se eleva em degraus, aos poucos, e a divisa das águas aí não atinge grande altura, com poucos penhascos.

Frederico Deeke, dedicado auxiliar do Dr. Blumenau, chefe de um dos grupos de "batedores de mato", os pelotões de vigilância, criados pelo Serviço de Proteção contra os Índios. Deeke aproveitou a missão não apenas para cuidar seriamente de proteger os colonos contra os ataques de selvícolas, mas também para fornecer à direção da colônia preciosas informações sôbre novas áreas a serem medidas e demarcadas para o estabelecimento de imigrantes. É de sua autoria o relatório que acompanha este trabalho. Frederico Deeke nasceu em 1829, na Alemanha, tendo imigrado em Blumenau. Era casado com Cristiana Krohberger, irmã do arquiteto Henrique Krohberger, construtor de várias obras de arte na colônia, como os templos católico e protestante, aquêle já demolido. Faleceu a 6 de setembro de 1895. Deixou vários descendentes, entre os quais José Deeke, autor de vários trabalhos sôbre a história de Blumenau e pai do atual secretário da Fazenda de Santa Catarina, Hercílio Deeke, ex-prefeito do município e ex-deputado federal.



No seu percurso médio, o vale do Benedito é muito estreito, a região é montanhosa, mas de terras férteis. A formação rochosa é a de granito, com veias profíricas, por vêzes. No curso superior há planaltos, tanto nas suas margens, como em cima das elevações mais distantes, a formação rochosa lá é de camadas horizontais de pedra liaz, as colinas em cima destas chapadas são de formação xistosa, barro xistoso e pedra liaz mole! Nestes planaltos encontram-se, tanto nos vales dos rios, como em cima das chapadas, grandes regiões de formação de solo raso, barrento e turfoso, e um tanto pantanosas. Nestas regiões não tem mato. Só há coqueiros baixos, poucos pinheiros e árvores e arbustos retorcidos e ressequidos, um pouco de bambu "CARRNCHA", várias qualidades de capim e grandes sebes de ananás silvestre. Estas regiões podiam-se transformar, com poucas dificuldades, em pastagens de gado vacum. Estas regiões, sob todos os pontos de vista, se destinam mais para criação de gado do que para fins de agricultura. A vegetação nos vales dos rios consiste em taquara ou faxinal com pinheiros e coqueiros; onde começam os pinheirais, também se encontra, frequentemente, o mate. Nas colinas e nos morros há mate, com madeiras boas, e, esparsos, à sombra das grandes árvores, pequenos palmitos.

Em cima do divisor das águas, no caso um planalto, só se vê campos e mato faxinal com pinheiros, aí, porém, não há mais coqueiros. No outro lado

A "CULTURVEREIN"

Frederico KILIAN

Dentre as sociedades fundadas pelos primeiros colonos de Blumenau, nenhuma, certamente, teve características tão interessantes como a "Culturverein", a "Sociedade de Cultura".

Uma das primeiras e mais importantes preocupações do Dr. Blumenau e seus companheiros, no começo da colonização, foi o problema da cultura racional de produtos agrícolas que, em curto espaço de tempo, dessem uma boa renda e assim compensassem o árduo trabalho daqueles pioneiros do progresso de S. Catarina.

E para que a questão fôsse amplamente debatida entre os colonos e êstes se interessassem pelas vantagens resultantes de uma cultura científica de produtos da lavoura, bem como do aproveitamento da experiência própria de cada um, resolveu um grupo de colonos fundar uma agremiação que se denominou "Culturverein der Colonie Blumenau".

Da fundação e atividades de tão interessante associação nos dão notícias os livros de atas e o arquivo da correspondência da mesma.

Por se tratar de valiosos documentos damos, a seguir, um resumo das primeiras reuniões e dos seus estatutos e dos assuntos mais importantes que nelas foram tratados.

Como verão os nossos leitores, os primeiros colonos blumenauenses tinham noção nítida das vantagens das culturas feitas com método e inteligência.

Eis como começam as atas das reuniões da Culturverein:

"Atendendo a um convite do sr. Wilhelm Friedenreich, reuniram-se os senhores Rohlacher, Faust, Sametzki, Baucke, Schraeder, Fred. Schmidt, Bugmann, Dr. Eberhardt, L. Schaeffer, Thomsen, H. Schaeffer, W. Schaeffer, Kuelps, G. Schaeffer, L. Sachtleben, Benz, Lobedan, Wehmuth, Ernesto e Henr. Weise, Wendeburg, Breithaupt, Loesecke e Johann Jarschow, no dia 19 de julho de 1863, na casa do primeiro, que fez uma exposição das finalidades, natureza e vantagens da Sociedade de Cultura a ser fundada, passando-se, então, à discussão e aprovação dos Estatutos, que foram assinados pelos presentes, resolvendo êstes fixar o prazo de uma semana, dentro do qual os demais interessados que o quizessem poderiam assinar os mesmos estatutos que, para êsse fim, se achavam à disposição na casa do sr. Victor Gaertner. A primeira diretoria, eleita na ocasião, ficou assim constituída: Presidente, Wilhelm Friedenreich; vice, sr. Sametzki; tesoureiro H. Wendeburg. Foi designado o dia 16 de agosto do dito ano de 1863, para se realizar a primeira reunião da "Culturverein" e fixado o seguinte temário para a mesma: 1.º — Discussão sobre qual a cultura que para a nossa situação traz as maiores vantagens; 2.º — Conferência do sr. dr. Eberhardt sobre a vida das plantas; 3.º — pagamento das mensalidades.

Na reunião aprasada de 16 de agosto o sr. Sametzki falou detalhada e demoradamente sobre a cultura do milho, do tabaco, do algodão e do bicho da seda. O sr. Friedenreich recomendou o plantio de frutos oleosos e plantas fibrosas, como sejam pita, agave, bananeiras, etc., tendo o sr. Riemer relatado já ter feito experiências com bananeiras de flor vermelha. A seguir foi debatido

da divisa das águas verifiquei um grande planalto também, depois o terreno declina para o norte e noroeste, não se via mais montanhas, enquanto ao nordeste, em direção à colônia de São Bento, o terreno se eleva, ao que me pareceu, com formação de colinas. Colônia de Blumenau, em 5 de Novembro de 1877. ass.) Frederico Deeke".



Em outra oportunidade publicaremos o segundo relatório de Frederico Deeke, também como êste repleto de interessantes informações sobre os indígenas e a topografia da região.

longamente sobre a cultura do tabaco, em comentário sobre artigos publicados num jornal norte-americano, lidos pelo sr. Friedenreich. Foram nomeadas comissões para fazer experiências com sementes e plantas de tabaco. Os srs. Sametzki, Bruch, Romer e Mueller foram designados para as experiências com as sementes. Afinal o sr. dr. Eberhardt fez uma conferência interessante sobre a vida das plantas. Para a reunião seguinte o temário foi assim estabelecido: Relatório das comissões de experiências. Continuação dos debates sobre a cultura do tabaco.

Segunda reunião, no dia 13 de setembro de 1863: Nesta reunião foram tomadas diversas resoluções, entre as quais a de se colocar na sede social uma "caixa de consultas" na qual os sócios podiam depositar, por escrito, as suas consultas ou perguntas e também as sugestões e experiências referentes aos assuntos da alçada da sociedade. Nos debates sobre a cultura do fumo, o dr. Blumenau recomendou que se espalhasse serragem misturada com um pouco de alcatrão sobre as sementeiras de tabaco, para a proteção das mudas contra a ação nociva das lesmas. O sr. Kleine recomendou, para o mesmo fim, a aplicação de fuligem. Os srs. Kleine, Riemer e Scheidemantel foram designados para fazer experiências sobre a melhor forma de se obter renovos das plantas de fumo, pois as opiniões divergiam. Uns achavam que se devia cortar a planta rente ao solo, obtendo-se assim bons renovos enquanto que outros afirmavam que era melhor deixar os caules inteiros. Os srs. Schaeffer, Friedenreich e pastor Hesse foram escolhidos para fazerem experiências sobre a adubação das plantas de tabaco.

Para a reunião do dia 11 de outubro, estava na ordem do dia: 1) debates sobre eventuais perguntas apresentadas; 2.º) discussão sobre a cultura do milho e de tubérculos; 3.º) Conferência do sr. Friedenreich sobre a "Incumbência do Agricultor".

Terceira reunião em 11 de outubro de 1863: Nesta reunião o sr. Kleine leu um trabalho sobre a cultura do milho, seguindo-se um debate em torno deste assunto e do melhor modo de se fazer experiências a respeito, tendo sido nomeada uma comissão composta dos srs. dr. Eberhardt, Reinold Gaertner e Sametzki. Para a execução destas experiências ofereceram-se os srs. Mueller, Kleine, Wilh. Scheefer, Liesenberg, R. Gaertner e Luiz Scheeffer, segundo as indicações da referida comissão. Na eleição da nova diretoria foram eleitos: Presidente: Wilhelm Friedenreich, vice: Sametzki e secretário o sr. Labes.

Quarta reunião do dia 8 de novembro de 1863: O sr. Kleine fez uma conferência sobre o tema fixado na ordem do dia. O sr. Friedenreich continuou sua conferência sobre a ação do agricultor e fez ver, no decorrer da mesma, a necessidade e importância de se acumular adubos. Foi eleita uma comissão para fazer uma revisão nos estatutos. Para uma melhor uniformidade na cultura do tabaco foi sugerido elaborar um regulamento que devia ser seguido por todos os agricultores. Debateu-se ainda a cultura de plantas bulbosas e foram distribuídas sementes de feijão de várias qualidades: manteiga, tupim, olho-de-pombo, carrapato, cabóclo, mouro, garombé, guari, tupim carioca, favas de lastro e outras a onze colonos para experimentarem a cultura das mesmas e relatar em seguida numa das próximas reuniões.

No próximo "Caderno" continuaremos o resumo das reuniões, algumas das quais tiveram caráter altamente educativo e científico.

HA ainda hoje, pelas margens do Itajaí, nas alturas de Gaspar e Blumenau, muitos descendentes das famílias de Joseph Sesterhen e Pedro José Sesterhen, que foram do número dos primeiros colonos instalados em São Pedro de Alcântara e que, mais tarde, mudaram-se para o Vale do Itajaí. Por um fenômeno conhecido, o sobrenome Sesterhen foi sofrendo transformações na pronúncia popular, de sorte que a maioria dos descendentes dessas famílias chamam-se hoje SESTREM. Há muitos com este nome.

RELATÓRIOS DO DR. BLUMENAU

1856

(CONTINUAÇÃO)

Se me tenho de repreender por erros nos meus cálculos e na direção dos negócios desta colônia, o que faço com toda a franqueza de um homem que tem a consciência de ter obrado com as melhores intenções, com a circunspeção ditada por longa experiência e a correção e integridade do homem de bem, é que não tomei na devida conta os possíveis aumentos dos preços dos viveres e salários e os infortúnios e perdas, que se podiam dar e desgraçadamente se deram, fazendo, pois, os meus cálculos demasiadamente baratos e que, de outro lado, forneci adiantamentos de dinheiro maiores a alguns empreendedores de estabelecimentos industriais na colônia do que agora se evidenciava conveniente. Quanto ao primeiro caso, esperava, porém, que, mesmo dando-se aumento das custas e despesas e algumas perdas, me seria possível compensá-las em restringindo a um mínimo os meus gastos pessoais e sacrificando o lucro, que a empresa podia produzir, cuja prosperidade foi e é, em primeiro lugar, o alvo dos meus desejos. Mas esta esperança se desvanece e o aumento das despesas e as perdas foram tais, que não foi possível compensar o desfalque pela mais estrita economia e ainda menos por lucros, que não se deram e em breve ainda não se hão de dar. Tão pouco foi possível e razoável tomar em conta e consideração, na época em que estabeleci os meus cálculos, prever a exorbitante subida de todas as despesas no Brasil, todavia quase o mesmo aconteceu com as do engajamento dos colonos na Alemanha. Ainda no ano de 1854, a comissão dos agentes de emigração foi de 3,5 e, no extremo caso, de 7 por cento sobre o preço da passagem; e sendo o preço desta, de Hamburgo para o Brasil, regularmente de 60 thaler da Prússia, a comissão foi pois de $1\frac{8}{10}$, de 3 e de $4\frac{2}{10}$ thaler ou de 2.840\$000,

3.900\$000 e de 5.460\$000. Desde então, porém, e com a diminuição da emigração alemã em geral e as muitas encomendas provenientes das colônias inglesas, holandesas, etc., do Chile, da República Argentina etc. o engajamento de emigrados, para outros países, que não os EE.UU., se tornou em verdadeira caça e tráfego, e foi muito difícil haver colonos pela comissão de 10 Thaler, ou 13:000\$000, pedindo-se até 20:000\$000 por colono adulto e 13:000\$000 pelos menores de dez anos, sem diferença de sexo. A este último exagerado pedido não podia sujeitar-me e por este motivo ainda não cheguei a um acôrdo definitivo com um agente; o preço de 13:000\$000 por "cabeça", me via porém constrangido a pagar por considerável número de colonos. Calculando eu logo, de um lado a importância das diversas comissões e gratificações e das mais despesas de transporte à colônia, pagamento do empregado da Alfândega etc. etc. enfim a soma geral das despesas diretas com o respectivo transporte de colonos, até eles chegarem à colônia, do outro lado a receita proveniente dos prêmios pagos pelo Governo Imperial e da venda de terras, únicas fontes daquela, saiu como resultado final que, desta receita, deduzida a soma das referidas despesas, por ora não me ficavam senão trinta por cento e, no decurso e fim de três anos, mais 15 a 20% provenientes, estes últimos, das terras vendidas a prazo. E com estes 30, respectivamente 45 e quando muito 50% devo pois sustentar a empresa a todos os respeitos, pagar guarda-livros, agrimensor etc., medir terras, fazer caminhos na colônia etc., e enfim, cumprir as obrigações a que me comprometi para com o Governo Imperial. É óbvio, que isso é uma impossibilidade e por isso devo procurar e estou procurando expedientes, para diminuir aquelas enormes despesas.

Quanto ao segundo caso, que mencionei, o dos adiantamentos para diversas emprêsas industriais na colônia, montavam, afinal, a uma soma considerável, sobretudo pelo efeito das chuvas incessantes e da grande enchente daquele período, que muito dificultavam e prejudicavam os respectivos trabalhos e, em grande parte, destruíam o que já foi feito. Para, porém, não perder inteiramente o dispendido e visto a indubitável necessidade de dois dêstes estabelecimentos e da suma utilidade de um outro para a colônia, julguei não dever recuar e assim a quantia gasta se tornava bastante considerável. Êstes estabelecimentos são um engenho de moer grãos, combinado com dito de serrar madeiras, movidos pela mesma roda d'água e uma olaria de telhas e tijolos — ambos da mais indeclinável necessidade para a colônia e da população do rio Itajaí Grande em geral, visto não existir algum dêles nas suas margens. Como não havia colono ou pessoa alguma nos arredores da colônia que com os profissionais conhecimentos possuísse, ao mesmo tempo, os necessários meios pecunários, forçosamente devia tomar a iniciativa, adiantando êstes. Prestei-me a isso com tanto maior vontade e certeza de bom resultado, quanto êstes estabelecimentos, ainda na Alemanha, serviam à colônia de relêvo e no seu seio forneciam trabalho lucrativo a muitas pessoas. O terceiro estabelecimento foi um engenho de serrar madeiras em situação muito vantajosa e empreendido por dois moços colonos com algum cabedal próprio, ao qual logo eu e mais algumas pessoas juntavam fundos para acabar o engenho. Considerando que tal engenho dá trabalho regular e lucrativo a vinte e mais pessoas, que anualmente traz consigo um comércio ou trôco de oito a dez contos de réis e permite aproveitar tantas preciosas madeiras que, sem o seu intermédio, seriam queimadas ou entregues à podridão, o adiantamento seguramente foi bem aplicado para favorecer o bem estar e progresso interno da colônia. Desgraçadamente foi baldado pelos seguintes infortúnios, morrendo um dos sócios por um triste

acidente, durante o trabalho (desmoronamento de terra) destruindo as águas, por repetidas vêzes, o dique da lagoa que alimentava a roda d'água. Não querendo os mais credores conceder novos adiantamentos e não havendo eu segurança alguma, se o fizesse, seguiu-se a liquidação, em que os credores saíram com cinqüenta por cento, pouco mais ou menos. O moço sobrevivente estabeleceu-se logo no mesmo terreno e o engenho fica parado até melhores tempos. Foi, pois, com estas despesas, pôsto fora de disponibilidade um considerável cabedal cuja restituição só se pode esperar daqui em quatro ou mais anos e ainda então só com sensível perda. Não obstante não me posso incriminar de tê-lo gastado para os fins indicados, visto o subido interesse e a indispensabilidade dêles para as necessidades e a prosperidade interior da colônia e a força atrativa que na Alemanha exerce sobre os emigrados. Só tenho a lastimar que tantos infortúnios e vicissitudes tornavam a despesa tão grande como agora é. Como com êstes estabelecimentos aconteceu e ainda hoje acontece-me, com tôdas as urgentes necessidades da colônia, não havendo quase alguma em que não fôsse constrangido tomar a iniciativa distribuindo, assim, cabedal e tempo precioso. A êste respeito estou muito pior situado de que talvez todos os mais empreendedores de colônias, visto de um lado a falta de meios pecuniários da parte dos colonos, da outra a pouca atividade comercial que reina nesta parte e me constringe providenciar em tudo e criá-la. O negócio com os mantimentos e mais imediatas necessidades até agora pesava unicamente sobre mim e em vez de que com ela ganhar, havia quase sempre perdas, que no ano passado, se podiam calcular em pelo menos 600\$000, como os meus livros de contas o evidenciavam. Não posso fazer dêste negócio um efetivo comércio, pois logo haviam de clamar sobre monopólio etc. e que eu chupe o sangue dos colonos; tal reputação havia de muito na Alemanha a emprêsa e devo-me pois resignar não só a um trabalho penoso, infrutífero e dos mais desagradáveis, mas ainda à

perda direta de dinheiro, não faltando ainda em cima malignas insinuações e calúnias e havendo raras vezes reconhecimento da parte daquelas que assim protejo e favoreço. — Veio um médico homeopata e cirurgião e como não havia botica, nem instrumentos, nem meios de vida, devia-lhe adiantar todo o necessário e ainda a terra em que mora e trabalha nas horas vagas; com o boticário que não possui medicamentos aconteceu o mesmo e devo mandá-los da Europa ou do Rio; o ferreiro não havia oficina e eu devia arranjar-lhe e assim em diante. Com cada navio de colonos chegam da Alemanha 3, 4 e mais jovens, filhos de boas famílias e trazendo-me cartas de recomendação dos seus parentes, em que êstes me pedem tomar aquêles sob minha proteção e vigilância, afim de aprenderem e se acostumarem aos trabalhos da lavoura do país e se prepararem para o seu futuro estabelecimento. As vêzes êste proceder é uma espécie de destêro para rapazes fogosos ou malcriados, que os parentes assim querem domar; mas pela maior parte êstes me pedem, de lhes escrever sôbre os mesmos moços, logo que eu os julgue bastante adiantados no conhecimento do País e da sua lavoura e de tão bons costumes e amor de trabalho para com razão se poder esperar, que bem empreguem o cabedal mais ou menos considerável, que os parentes reservam na Alemanha, para o seu definitivo estabelecimento. Tal confiança é segu-

ramente muito lisonjeira e honrosa e traz de ano a ano maior afluxo de colonos e cabedais ao Itajaí, mas ao mesmo tempo me constrange a sacrificios que pouco a pouco alcançam alguma monta e aos quais os mais empreendedores de colônias raras vêzes hão de ficar sujeitos. Chegando tais moços e não trazendo por bem entendida precaução dos parentes, senão pouco dinheiro, mui raras vêzes alguém os quer empregar nos seus trabalhos, nem de graça e só pela comida, ora por ser a superioridade da educação e das maneiras desagradável a muita gente de baixa condição, ora pelo mêdo de que não trabalhem bem e nem mesmo ganhem a comida, o quê, nos primeiros meses, quasi sempre acontece, ou que adoçam de pernas inchadas ou outras moléstias de aclimação, de que os casos muito se repetem. Afinal não me posso subtrair a fazer, para assim dizer, a educação e aprendizagem de tais moços, quando aliás se comportarem bem e ter paciência com as suas doenças e outros impedimentos, dando-lhes e até criando para êles trabalhos e pagando-lhes um pequeno salário de 4\$000 mensais e a comida. Entretanto, quase nunca merecem, nos primeiros 3 a 5 meses, nem tão pequeno jornal e o seu trabalho raras vêzes produz o valor da sua comida e frequentemente nem a metade dêle.

(Conclui no próximo Caderno)

"Blumenau em Cadernos"

MENSÁRIO DEDICADO A HISTÓRIA E AOS INTERESSES
DO VALE DO ITAJAÍ

Assinatura (12 números) Cr\$ 100,00

Número avulso Cr\$ 10,00

Administração e responsabilidade de LUIZ FERREIRA DA SILVA.

Tôda correspondência deverá ser dirigida a
Caixa Postal, 425

BLUMENAU — S. CATARINA

NOTÍCIAS
de
BRUSQUE E NOVA TRENTO

isto é das Colônias
ITAJAÍ E PRÍNCIPE DOM PEDRO
na Província de Santa Catarina
IMPÉRIO DO BRASIL

por
D. Arcângelo Ganarini



Trento

Estbl. Tip. G. B. Monauni, Edit.

1880

Traduzidas do Italiano

por

LUCAS ALEXANDRE BOITEUX



(CONTINUAÇÃO)

Alguns maldizentes espalharam que o diretor havia embolsado o dinheiro, mas deve ser isto falsidade, pois êle fêz seu ajuste de contas e saiu-se lisamente. O atual diretor, para satisfazer um desejo tão razoável da população, alcançou de novo outros dois contos e, atualmente, a capela está terminada. Teve-se a idéia de dedicá-la a São Virgílio, com ser êle o patrono da velha Trento e deve pois também o ser da nova, que embora pequena, não lhe é inferior em grandeza de sentimentos religiosos. A capela é insuficiente à população, mas espera-se que com o tempo se possa ampliá-la de acôrdo com o desenho primitivo, em que a atual passaria a ser o presbitério. Um pequeno sino faz as vêzes daquele grande da torre da praça, e para quem é fácil de contentar-se bastam pequenas coisas, entregando ao futuro trazer as maiores.

A escola, estabelecida há um ano, é freqüentada por bom número de meninos e se os pais se mostrarem interessados em os matricular, haverá necessidade de pedir uma outra sendo uma só insuficiente para todos.

Entretanto Nova Trento seria ainda uma inútil e pouco digna do nome que carrega se não tivesse a fortuna de possuir uma casa de missão dos reverendos padres Jesuítas.

Para os lavradores do Trentino e da Itália torna-se uma necessidade a presença de um padre entre êles; sem o padre falta sempre um fator de sua vida, dos seus costumes, de sua esperança; sem o padre desanimam, e a alegria degenera em desalento, nenhum lugar sem o padre jamais poderá ser escolhido para residência estável à gente das nossas montanhas. Aqui se manterá constrangida pela impossibilidade de emigrar para outro sítio, sentindo-se como terra de exílio, com o propósito de estabelecer-se o mais depressa possível onde haja um ministro de Deus que, pelo menos, o assista na derradeira hora. Por isto dou tanta importância à casa de missão de Nova Trento. Seria de vantagem que o governo do Brasil se persuadissem dessa verdade. Não basta um Diretor e uma dezena de engenheiros para fazerem prosperar uma colônia; faz-se preciso o padre, natural pro-

pugnador da moral e da justiça, e que com a confiança que inspira com o seu caráter pode dar conselhos úteis e servir de broquel contra eventuais vexações.

Pela sua vocação é o mestre dos pequenos e dos grandes; e uma única palavra sua basta para consolar muita vez muito mais do que os favores do governo. Sua presença inspira confiança e também coragem no futuro, compenetrados os pais de família, de que mesmo depois de sua morte haverá quem ensine aos seus filhos as verdades da fé, e os dirija no caminho da salvação; enquanto que em uma colônia sem ministro de Deus, só em pensar-se em morrer sem a sua assistência e ser sepultado como um cão, junta-se o de deixar os próprios filhos, em um lugar onde dentro em pouco reinará a mais crassa ignorância relativamente à religião, como acontecerá em tantos lugares brasileiros os quais há longo tempo se encontram sem sacerdotes. Com um engenheiro de menos e um sacerdote a mais, o governo ganharia bastante, e teria a satisfação de ver frutificar os muitos milhões gastos para colonizar o país.

Os colonos observando como desta terra se pode alcançar o suficiente para viver sem temer a fome, à ela se afeiçoariam, e ter-se-iam assim colônias laboriosas e pacíficas, prevenindo dêste modo o perigo de ver ainda a retirada de colonos em massa e a levar a desconfiança à Europa contra êstes sítios que têm necessidade do sangue de elementos europeus.

Os reverendíssimos missionários Jesuítas eram já conhecidos nestas colônias, e os nossos primeiros emigrantes tiveram a bela sorte de encontrar naquele tempo o zeloso e humilde P. João Maria Cybêo, verdadeiro apóstolo daquela província. Há dez anos que êle anda fazendo missões com outros seus companheiros a êsses pobres brasileiros, abandonados sem sacerdotes. Em imensas distâncias pelo interior, não há pessoa por onde êle andou, que o não conheça, "o santo missionário, o Padre João". Muitas vezes êle percorreu esta província desde os campos do Paraná aos do Rio Grande do Sul,

trilhando estradas fatigantes, vadeando rios, exposto ao perigo dos selvagens, dos tigres, andando à semelhança de Nosso Senhor à procura de ovelhas tresmalhadas. Os malvados o caluniaram, escreveram contra êle nos jornais, e pediram contra êle um mandado de prisão, com ordem de guardá-lo como um grande fascinora, permitindo-lhe apenas dizer a missa.

Sendo impossível prendê-lo no meio daquela população, que o venera como um santo, os soldados o esperaram nos caminhos que se dirigem ao litoral, e quando êle terminou suas missões veio entregar-se a êles, e o que tinha sofrido naquela longa viagem só êle e Deus o sabem. Êste bom missionário pôsto depois em liberdade tomou-se de tanta afeição aos nossos colonos, que todos os anos voltava para auxiliar o cura e capelão e confessá-los. Últimamente, tendo alcançado de Roma a faculdade de crismar em tôda a província, houve aqui a santa Crisma. Do ano passado até hoje êle tem crismado mais de doze mil pessoas, como êle mesmo me afirmou; fadiga imensa, levando-se em conta os lugares onde além dos crismandos é necessário confessar muitos padrinhos que, por falta de sacerdotes, não haviam ainda podido cumprir, havia anos, o preceito pascoal. Voltou agora de novo para o interior da província, acompanhado do Padre superior e de um outro, e julga que será muito difícil voltar antes de um ano.

Que Deus o abençõe em suas fadigas e lhe avigore a debilitada saúde e o faça voltar ainda entre nós. Dêle nasceu primeiro a idéia da fundação de uma casa de missão nesta colônia, cujo projeto, propagado entre a população, foi aceito com imensa alegria, especialmente pelos de Besenello e Nova-Trento, como lugares preferidos.

Os colonos ofereceram-se auxiliar a obra com dias de trabalho e dinheiro segundo suas posses; os da própria Brusque, embora distantes, concorrendo com boa soma, quizeram manifestar seus sentimentos religiosos, que por tantos anos, graças ao seu bom e zeloso pároco, souberam conservar. Em

menos de um ano a casa foi construída, e embora ainda não concluída, acha-se aberta e funciona a despeito de alguns malévolos, a quem os jesuítas fazem medo como ao diabo a água benta. Não duvido que os colonos de Nova Trento e das adjacências saibam também no futuro apreciar a graça especial que Deus lhes fêz permitindo surgir entre eles essa casa, e que ajudarão a mantê-la com seu apoio, mostrando-se reconhecidos àqueles que se sacrificam pelo seu bem espiritual. Nessa casa se funda sua esperança de haver sempre ministros de Deus entre eles, que depois de lhes terem assistido em tôdas as necessidades da vida, os ajudarão na derradeira hora, naquela tremenda passagem para a eternidade.

Com razão, muitos dos nossos colonos invejam a sorte daqueles de Nova Trento, enquanto estes não devam nunca esquecer de agradecer a Deus por esse belo favor que lhes concedeu.

Eis aqui, pois, o que é Nova-Trento; uma pequena povoação com cerca de quarenta casas no máximo; pobre, si se quizer, mas com um belo e querido nome, e com fundadas esperanças de próspero futuro. Breve uma nova estrada para São João à margem esquerda do rio Tijucas pô-la-á em comunicação com a vila e pôrto do mesmo nome à pouca distância de Pôrto-Belo, a mais encantadora baía e o pôrto mais seguro da nossa província.

Um pouco adiante de Nova-Trento, ao longo do braço, tôdas as linhas por longo trato estão colonizadas, as mais próximas já dotadas de estradas carroçáveis e as outras de picadas que, um pouco de cada vez, se o govêrno não suspender totalmente os auxílios, serão transformadas em estradas. A população dêste distrito, incluindo algumas famílias brasileiras, alcançará cerca de três mil.

(Continua)

REPASSANDO-SE os velhos códigos de posturas das nossas vilas e freguesias dos bons tempos provinciais, encontram-se cousas interessantes. Por exemplo: Em 1863, o artigo 8.^o do Código da Câmara de São Francisco do Sul, rezava: “É inteiramente proibida a lavagem de roupa e de coisas imundas na fonte geral de beber desta Vila, sob pena de um mil réis (um cruzeiro) de multa, sendo o infrator pessoa livre, e sendo escrava será punida, por mandado do juiz de paz, com doze palmatoadas”.

O artigo 15 do código de Lajes, naquele ano, era assim redigido: “Acontecendo haver incêndio em qualquer casa, a primeira pessoa que o observar, mandará tocar o sino policial, ou da igreja; a cujos toques se reunirá o povo mais vizinho para acudir e atalhar. A pessoa que primeiro tocar o sino, terá dois mil réis (dois cruzeiros) pagos pelo interessado e pela câmara, quando êste não tenha meios para fazê-lo.”

Outro artigo da câmara de S. Francisco: “Nenhuma pessoa poderá fazer fandangos em sua casa sem dar parte ao juiz de paz, ou ao inspector de quarteirão. Pena 4\$000 de multa, ou 4 dias de cadeia.”

Êste artigo das posturas de Destêrro, atual Florianópolis, merece transcrição: “Os professores das escolas poderão castigar a seus discípulos sômente até 6 bolos sendo por falta de estudo e até 12 quando por falta de respeito, ficando, para isto, de nenhum efeito a pena da postura, artigo 69 que proibia o uso da palmatória nas escolas”.

Eu Também já Fui Prefeito de Itajaí

Nemesio HEUSI

Vianna Moog em seu admirável "Bandeirantes e Pioneiros", faz um belo estudo de confronto entre a nossa civilização e a norteamericana. Acha que nós nos apegamos por demais ao nosso passado enquanto, para os descendentes de Lincoln o que interessa é o presente, "time is money". Pode ser que o autor de "Um rio imita o reino", tenha razão. Não discuto mesmo porque, justamente, a finalidade deste artigo é o passado.

O título parece cabotinismo, mas graças a Deus, não tenho, nem nunca tive propensão a ser émulo de Paulo de Magalhães, o teatrólogo.

O que quero e, lógico, o que pretendo, ao escrever este arrazoado é dar subsídio à história de Itajaí. Sim porque há um período, durante a "Revolução de Trinta" que, por motivos que não vamos questionar, quando aconteceu a acefalia nos destinos administrativos de Itajaí, fui por vontade popular, aclamado Prefeito e, ao mesmo tempo, Delegado de Polícia, tendo, como primeira missão, aliás como exigência do Povo, feita na esquina da velha Confeitaria do Zena, que eu fosse a bordo do destróier que acaba de fundear na enseada de Cabeçadas e o fizesse regressar a Florianópolis.

Para quem na época, de simples Secretário passara a Prefeito, em plena Revolução Getulista, era algo respeitável em função da difícil missão a cumprir.

De vez que o povo da minha terra assim o impunha não me restava outra alternativa sinão desempenhá-lo.

No caminho, em cumprimento do sagrado dever, fui encontrando, pelas calçadas a fóra, trouxas já arrumadas; elas significavam a fuga, caso eu falhasse no meu desiderato. Foi então que senti em toda plenitude a grandeza da minha incumbência. Segurando com as mãos nervosas o molho de chaves da Prefeitura segui até Cabeçadas

com um apêto na garganta e o coração aos pinotes. Foi a mais difícil viagem da minha vida!

Tinha então vinte e um anos e era, sem dúvida, uma estréia altiva da minha maioridade. Côncio da responsabilidade assumida, esperançoso do feliz sucesso, lá onde hoje é o Iate Club, tomei a canoa em companhia de um remador que, trêmulo, concordou em ir comigo abordar o destróier que, se não me falha a memória, era o "Alagoas". Assim que nos aproximamos, a sentinela de bordo, virando a metralhadora para nós, fez a clássica pergunta:— "Quem vem lá?" Neste momento enquanto me identificava, o remador, que tremia como vara verde, apavorado com o cano da metralhadora, jogou-se ao mar, nadando como desesperado para terra. De bordo atiraram-me uma corda, pois os remos haviam sumido e, finalmente, pude controlar a canoa e subir ao convés. Do convés fui imediatamente levado ao Comando.

— "Quem é o senhor?" — perguntou-me o comandante.

— "Sou Secretário da Prefeitura, respondendo pelo Prefeito". — Respondi firme, porém extremamente nervoso.

— "Por que o Prefeito não veio a bordo?" — Insistia o oficial maior.

— "Porque estava em Florianópolis com o seu irmão, o Governador Adolfo Konder". — Estava fazendo o impossível para ser preciso e evitar qualquer contradição, até que me foi feita pelo oficial, a pergunta difícil e embaraçosa:

— "As suas credenciais?"

Santo Deus! Não tinha comigo um documento sequer. Salvaram-me as chaves da Prefeitura que mostrei ao Comandante dizendo serem êsses os meus únicos documentos, mas que em companhia de qualquer oficial eu assinaria que elas, somente elas, abririam as portas do Paço Municipal. Êle era um homem de bem, aceitou as mi-

nhas desculpas e continuou inquirindo :

— “Mas o que veio o senhor fazer aqui? Por que não trouxe o prático? Há tropas em Itajaí?”

A estas indagações do Comandante respondi apressadamente e logo em seguida fiz o apêlo do povo de minha terra:

— “Comandante, eu trago um apêlo do Povo de Itajaí para que não seja bombardeada a nossa cidade, como tem sido o Estreito. Este apêlo eu lhe peço transmita, radiograficamente, a Florianópolis ao Dr. Adolfo Konder e ao Cel. Marcos Konder, nosso Prefeito e seu ilustre Irmão!”

O Comandante olhou-me bem dentro de meus olhos, fixou-me, esperou algum tempo e repetiu a mesma pergunta já feita:

— “Há tropas na cidade? Qual o número de soldados aquartelados?”

— “Nenhuma tropa existe em Itajaí. O boato corrente é que em poucos dias chegarão uns quatro a cinco mil soldados.”

— “Está bem. Vou transmitir a Florianópolis o apêlo de seu Povo. Enquanto porém não chegar a resposta, peço ao Senhor ir buscar o prático e aproveitar a oportunidade para fazer o favor de comprar cinquenta quilos de carne fresca, não esquecendo de trazer a nota com o respectivo recibo.”

Suspirei aliviado. Imediatamente me foi cedido um marinheiro e novos remos para voltar à terra em busca do prático e da carne.

Encontrei logo o prático Manuel Fernandes Vieira, comprei a carne encomendada no açougue do Jorge Pessoa que, aliás, com malícia perguntou:

— “Como é? É para aumentar no preço ou o tabelado?”

Em pouco, juntamente com o prático Manuel Fernandes, regressávamos a bordo do destróier, tendo durante o trajeto combinado com êle que tornasse impossível a entrada da barra do navio de guerra, com receio de algum acidente, dadas as condições da barra.

Manoel Fernandes desempenhou,

diante do Comandante, magistralmente, o seu papel, convencendo-o da impossibilidade do destróier atracar em Itajaí. Enquanto discutíamos, chegava a ordem de Florianópolis para que o navio regressasse à sua base. Na confusão e diante da alegria do resultado da nossa missão, não chegamos a saber se a ordem partira do Dr. Adolfo Konder ou do Comando da Base de Florianópolis. O fato é que regressamos à cidade completamente vitoriosos, Manuel Fernandes, o prático habilidoso e eu o jovem Prefeito, recentemente empossado em plena praça pública!

Estes são os fatos reais e detalhados que se passaram, não só a bordo do destróier como na cidade, naquela memorável tarde de meados de outubro de 1930. Invoço o testemunho de todos os itajaenses vivos que presenciaram o desenrolar destes acontecimentos para que, se houver algum exagêro ou distorção da verdade histórica que se pronunciem para que não se distorça o passado histórico do nosso povo, da nossa gente e da nossa Terra!

Eu tinha o propósito de escrever um livro sobre a história de Itajaí e publicá-lo na época do seu centenário de instalação do município no próximo ano, infelizmente, verificando o custo de impressão, tornou-se impossível a sua publicação. Como porém, “Blumenau em Cadernos” de Ferreira da Silva, tem como escopo primordial fixar fatos e cousas dos tempos idos que se relacionem com o Vale do Itajaí, nada melhor, nem mais oportuno do que publicar nesta revista tudo aquilo que idealizei publicar em um livro e é o que tenho feito para que a posteridade se ilustre com tudo que de interessante se tenha ou ainda venha a se passar em Itajaí. Não tenho outro propósito senão aquêle de constituir subsídio para quem mais feliz do que eu possa no futuro enfeixar num só livro tudo que digno de registro tenha ocorrido na terra gloriosa de Lauro Müller.

EM 1865 a renda municipal de Itajaí era de Cr\$ 1.300,00 (um mil e trezentos cruzeiros) que foram gastos desta forma: funcionários: Cr\$ 552,00; expediente Cr\$ 30,00; Obras públicas Cr\$ 353,00; custas Cr\$ 80,00; eventuais Cr\$ 35,00 e exação Cr\$ 250,00.



EFEMÉRIDES

ABRIL

★ **2, de 1824** — José Coelho da Rocha e sua mulher doam, por escritura desta data, o terreno em que foi construída a primeira capela de Itajaí, no mesmo lugar em que se encontra ainda a matriz velha. O terreno destinava-se também a um cemitério. Neste, que ficava atrás da capela, foram sepultados os doadores, frei Pedro de Agote, primeiro vigário e outros fundadores de Itajaí.

★ **26, de 1834** — Realiza-se a primeira audiência presidida pelo juiz de Paz, Joaquim Luiz Rodrigues Pereira, do Distrito de Itapocoroi. Nessa audiência, Cecília Rosa citava seu marido Antônio Borges Pita para repartir, amigavelmente, os bens do casal. Na audiência seguinte, a 10 de maio, compareceu Borges Pita que declarou que a mulher, se quizesse voltar para casa, que voltasse, que êle não lhe daria coisa alguma.

★ **14, de 1840** — A lei n.º 136, desta data, autorizou o presidente da província, a contratar um professor normalista, em Niteroi, para reger a cadeira de primeiras letras de Destêrro. Todos os professôres primários da província, que tivessem menos de 36 anos de idade, deveriam frequentar as aulas dêsse professor normalista o qual, mensalmente, daria conta ao presidente da província do aproveitamento dêsses mestres-alunos. Caso se constatasse a sua incapacidade para o magistério, seriam demitidos ou aposentados, conforme fôsse o caso. Se demonstrassem aproveitamento, seriam submetidos a um exame perante o presidente da província. Aprovados, seriam reconduzidos à regência das respetivas cadeiras de primeiras letras. O professor normalista deveria ensinar-lhes: “a ler e escrever pelo método Lancastrino, as quatro operações de aritmética, quebrados, decimais e proporções, noções gerais de geometria prática e teórica, gramática, elementos de geografia e princípios de moral cristã e da religião do Estado”. O professor que regia, desde 1937 a cadeira de primeiras letras de Itajaí, interinamente, Antônio Joaquim Ferreira, teve que frequentar aquêle curso e submeter-se ao exame exigido, sendo satisfatoriamente aprovado.

★ **15, de 1835** — A lei provincial n.º 9, desta data, cria uma cadeira de primeiras letras na freguezia de Itajaí. O professor, por fôrça dessa lei, perceberia 180 mil réis por ano (Cr\$ 15,00 por mês).

★ **25, de 1836** — A lei número 28, desta data, criou secções de pedrestres que tinham por escopo: 1) guarnecer presídios, ou guardas; 2) explorar e correr os matos, nos oito mêses que decorrem de setembro

a abril, inclusive; 3) fazer as picadas de comunicação, os acampamentos e quaisquer obras precisas para o desempenho de suas obrigações; 4) proteger, auxiliar e defender de qualquer assalto do gentio, malfeitores e fugitivos, perseguindo-os até seus alojamentos, quilombos ou arranchamentos, fazendo todo o possível por prendê-los e, no caso de extrema resistência, exterminá-los. Cada secção seria composta de um sargento, um cabo e quinze soldados. Os sargentos venceriam o sôldo de 720 réis diários, os cabos 560 e os soldados 400 réis, nos meses de setembro a abril e nos meses restantes a metade. Uma dessas secções de pedestres esteve aquartelada em Belchior, sob o comando de Henrique Etur. Depois, passou-se para a sede da colônia Blumenau. A respeito desses pedestres o Dr. Blumenau conta cousas interessantes em seu relatório de 1857.

★ 28, de 1837 — Lei desta data isenta do serviço ordinário da Guarda Nacional os moradores nos sítios de Araranguá, cabeceiras do Rio da Madre, Tijucas Grandes e Itajaí e em quaisquer outros lugares centrais, onde as habitações, por isoladas, estejam expostas a ataque dos gentios. Essa foi, certamente, uma das leis inspiradas pelo deputado Alves Ramos, fundador de Itajaí que não via com bons olhos o afastamento de homens capazes das zonas perigosas de ataques de bugres para irem prestar serviço militar, deixando as suas casas e a dos vizinhos à mercê desses ataques.

(Continua à página 80)

ITAJAÍ, CEM ANOS DE MUNICÍPIO

Transcorre, a 4 dêste mês de abril, a passagem do centenário da lei n.º 464, que elevou a freguesia do Santíssimo Sacramento do Itajaí à categoria de Vila e sede de município e do respectivo Termo judiciário, desmembrados de Porto Belo.

Sua jurisdição estendeu-se a toda a bacia do Itajaí, além da freguesia de Nossa Senhora da Penha do Itapocorói. O perímetro urbano da vila foi delimitado pela extrema das terras de Dona Felícia Alexandrina Leão Coutinho, ao sul, e pelo ribeirão de Joaquim José da Silva, ao norte e quarenta braças para o centro, contadas da beira-mar.

A vila, que na época da emancipação contava pouco mais de cinquenta casas, esparsas pela beira do rio, teve, com a independência, grande impulso no seu desenvolvimento. Administrações operosas e dignas concorreram para o seu constante engrandecimento, tornando-a o que hoje é: uma cidade

notável sobre todos os aspectos, de comércio movimentado, de indústria bem adiantada e o mais freqüentado dos portos catarinenses.

Temos, nestes "Cadernos", dedicado capítulos inteiros à história e ao progresso de Itajaí, tributo justíssimo que pagamos à importância com que o município se apresenta no concêrto das comunas da bacia do Itajaí.

Limitamo-nos, por isso, nesta oportunidade, a congratularmo-nos com o povo de Itajaí e com as suas autoridades, especialmente com o seu operoso e honesto prefeito, pela data auspiciosa do centenário de sua independência política, fazendo votos calorosos para que Itajaí continue a se impor, sempre mais, pelo progresso material e pelo adiantamento moral da sua gente, sempre tão ciosa da defesa dos elevados princípios que a vêm norteando.

Parabéns ao povo e às autoridades de Itajaí!

ESCREVE:

CHRIST. DEEKE

Aconteceu...

Christiana Deeke BARRETO

DEZEMBRO DE 1958

2 — Na sessão da Câmara Municipal o Vereador Dr. Wilson Gomes Santhiago, referindo-se a uma "carta aberta", publicada no jornal "A Nação" pelo deputado federal Elias Adaime, em resposta a um artigo do Prof. Joaquim de Sales, — diz que êsse parlamentar procura situar-se como o mais eficiente deputado na defesa dos interesses de Blumenau, quando os projetos de lei, por êle apresentados, não passam de meros projetos que não foram concretizados até agora, mencionando um projeto de 3 milhões de cruzeiros para o Hospital Santa Isabel, projeto êsse que não tem possibilidade de ser aprovado. Requereu à casa que se solicite informações ao deputado sobre o andamento do referido projeto.

6 e 7 — Realiza-se uma grandiosa festa popular em benefício da nova ala do importante hospital Santa Isabel, de propriedade das Irmãs da Ordem da Divina Providência, no qual trabalham nove médicos, e que possui numerosa clientela em todo o Vale do Itajaí e cidades vizinhas. Esta festa, em que colaboram pessoas de tôdas as classes sociais e vários credos, consiste em serviço de café e bebidas, churrasco e outros pratos, barracas de rifa, roda da sorte, venda de bordados, etc., e a tradicional "tômbola". Enorme massa popular enche o grande pátio do Ginásio Sagrada Família, local da festa, para prestigiar com a sua contribuição a vultosa obra.

7 e 9 — Tendo as empresas concessionárias de transportes coletivos majorado suas passagens de 4 para 5 cruzeiros, contrariando o despacho do Sr. Prefeito Municipal que indeferiu o respectivo requerimento, o chefe do executivo faz distribuir uma nota à imprensa

sa escrita e falada, declarando ser ilegal o preço de Cr\$ 5,00, e que as empresas foram multadas em Cr\$ 50.000,00, cada uma, devendo ser mantido o preço contratual de Cr\$ 4,00. Em sinal de protesto — ou retração — as companhias de ônibus fazem trafegar os seus veículos durante todo o dia 9, sem cobrar passagem, voltando no dia seguinte ao preço de Cr\$ 4,00 pela passagem.

14 — Falece o Sr. Ewaldo Mund, pessoa de grande prestígio social e comercial na nossa cidade, gerente da filial local da firma Carlos Hoepcke S/A.

15 — Na solene entrega de diplomas aos alunos do G. E. M. "Machado de Assis", é incluída uma justa e merecida homenagem ao ex-prefeito e historiador blumenauense, Sr. José Ferreira da Silva, que muito contribuiu, durante o período de sua administração para a criação e desenvolvimento do exemplar educandário. O Sr. José Ferreira da Silva coopera atualmente na publicação de fatos da história local no boletim mensal "Blumenau em Cadernos".

17 — Violento temporal fustiga o Vale do Itajaí. Na nossa cidade ficam inundadas as partes baixas da zona urbana pela enchurrada, sendo eficiente a atuação do Corpo de Bombeiros nos serviços exigidos pelo acontecimento calamitoso.

A Câmara Municipal presta honrosa homenagem ao venerando industrial Sr. Max Hering, que recentemente comemorou a rara festa de bodas de ferro — 60 anos de consórcio —, entregando-lhe, em expressiva solenidade, o título de "Cidadão Blumenauense". O homenageado, um dos proprietários da Cia. Têxtil Hering, filho e sobrinho dos fundadores Hermann e Bruno Hering, que desde os seus inícios tem colaborado na impor-

tante empresa industrial, é saudado pelo vereador Dr. W. Bernardo Werner, — o teor da lei que lhe confere o título honorífico é lido pelo secretário da Mesa, vereador Dr. Wilson Gomes Santhiago, tendo designado o Sr. Presidente da Câmara, Dr. Martinho Cardoso da Veiga, após breves palavras, o vereador Sr. Ingo Hering para fazer a entrega do título. Após o agradecimento do homenageado, foi servido um coquetel.

18 e 23 — Em benefício do Natal da ABAMD — “Associação Blumenauense de Amparo a Menores Desvalidos” — o Rotary Club local organiza um jantar, cuja renda líquida é de Cr\$ 25.000,00. Na mesma oportunidade os Rádios-amadores blumenauenses oferecem, nas pessoas do Dr. Wilson Gomes Santhiago e exma Sra., um cheque no valor de Cr\$ 10.000,00, para a mesma finalidade, revertendo, também, o lucro do festival de arte da apresentação dos alunos da academia de acordeon do Sr. Rudi Beckhäuser, a 21 do corrente, em benefício da mesma entidade. O empenho para proporcionar à população pobre a alegria do Natal, foi intensa, durante todo o mês, tendo o jornal “A Nação” e Rádio “Nereu Ramos” angariado fundos e material para o Natal dos velhinhos do asilo municipal, soldados do Corpo de Bombeiros e DRP., e aos jornaleros. A sociedade “São Vicente de Paula” apelou para a população em favor dos pobres da comunidade católica e demais necessitados; a sociedade evangélica de Beneficência, idem; uma comissão de senhoras angariou fundos para auxílio dos pobres em geral, além de outras entidades religiosas, que todas fizeram a distribuição nos últimos dias antes do Natal, quando também algumas casas comerciais fizeram a já tradicional entrega de presentes aos pobres.

25 a 31 — Pela passagem do Natal e Ano Bom realizam-se bailes nas sedes de diversas sociedades recreativas, — o Marabá Clube realiza um “Baile de Natal” no Teatro Carlos Gomes; pela S.B.M. Carlos Gomes é oferecido o tradicional “Baile de São Silvestre”; o

Tabajara Tênis Clube organiza uma “Festa Tropical” a 31 de Dezembro. O Rotary Clube, Centro, encerra, com um almoço, as suas atividades do ano, com a presença de companheiros de outras zonas, e convidados especiais, onde o Dr. Max Tavares d’Amaral, Rio de Janeiro, palestra sobre importância e atividades do “Centro Catarinense” na capital da república. Nas sedes dos demais clubes e agremiações há festividades alusivas à data, apresentando-se no Teatro Carlos Gomes ainda o grupo de artistas amadores, sob a direção da Sra. Berta Slemmer, nos dias 26 e 27, com a comédia policial em idioma alemão “Parkstrasse 13”.

28 — Falece o estimado comerciante e intensificador do esporte, Sr. Jaime Laus, proprietário da conceituada casa “Cerealista Catarinense”, e cujo sepultamento é realizado com grande acompanhamento.

O Sr. Sebastião Cruz, por sugestão do industrial Sr. Egon Loevenstein, lança a idéia de uma campanha pró recomposição da Biblioteca “Dr. Amadeu Luz”, destruída parcialmente pelo incêndio no prédio da Prefeitura Municipal no mês de Novembro, próximo passado.

30 — A imprensa local publica a distinção honrosa de que fôra alvo um concidadão blumenauense, Sr. Curt Metzger, representante da Manufatura “Estrêla” para a nossa cidade e todo o Estado, tendo-lhe sido conferido o Diploma “Classe Plata”, pela Associação e Diretores de Produção Comercial, em reconhecimento à sua eficiência e capacidade de Trabalho.

O tempo em 1958 — Após um verão causticante, com temporais e enchurradas excepcionalmente fortes, principalmente no mês de Fevereiro, onde casas foram destelhadas e inundadas, árvores desarraigadas e postes derrubados, a temperatura entrou em declínio em meados de Abril, mantendo-se no termo de meia-estação até fins de Setembro, ocorrendo pouquíssimos dias de frio acentuado, mas épocas com dias de calor de verão benigno, até em Junho e Julho.

Desde Outubro, verificou-se uma temperatura elevada, com dias excepcionalmente quentes para a época, e outros pouco mais frescos. Na última década do mês de dezembro, após um temporal, ocorreram dias agradabilíssimos, de

Natal e Ano Bom, refrescados, com ar límpido e a vegetação refeita, num verde primaveril, mantendo-se assim ainda durante o primeiro período de Janeiro de 1959, quando então o calor recuperou os grãos desaproveitados.

(Continuação da página 77) :

★ 6, de 1838 — O presidente da província, por lei desta data foi autorizado a mandar explorar a estrada que do município de São José seguia para Lajes, a fim de reconhecer quais os melhoramentos que lhe deveriam ser feitos, especialmente na direção da colônia de São Pedro de Alcântara e desde o Campo de Boa Vista até o morro do Trombudo.

★ 7, de 1838 — Nesta data e por lei da Assembléia, o presidente foi autorizado a mandar explorar o rio Itajaí-Mirim.

★ 26, de 1839 — Nesta data foi sancionada a lei 120, de indiscutível inspiração do Coronel Alves Ramos, que autorizava abrir-se uma via de comunicação, larga e transitável, “pelo interior do mato virgem, paralela à costa do mar, quanto os acidentes dos terrenos o permitirem, desde o rio das Três Barras, no Rio de São Francisco, até o rio Biguaçu, na Vila de São Miguel e de maneira tal que a dita picada passe em distância conveniente acima dos mais internados colônios e habitantes estabelecidos nas margens dos rios Itajaí, Cambriacu e Tejuças Grandes”. Por tôda a extensão da picada se estabeleceriam postos fortificados e à distância regular um do outro, de modo a poderem defender-se mutuamente e proteger os habitantes dos ataques dos bugres. Cada pôsto seria guarnecido por um mínimo de oito homens.

★ 15, de 1847 — Por ato desta data, foram elevadas à categoria de cidades as vilas de Laguna e de São Francisco do Sul.

★ 8, de 1858 — O distrito de paz da colônia Dona Francisca, por lei desta data (452) foi elevado à categoria de freguesia sob a invocação de São Francisco Xavier de Joinville. Nesse tempo, estava em construção a capela católica, que serviria de matriz.

★ 2, de 1914 — Dom Joaquim Domingues de Oliveira é eleito bispo de Florianópolis, sucedendo a Dom João Becker, transferido para o Rio Grande do Sul. Todo o Estado de Santa Catarina constituía então uma única diocese.

★ 19, de 1939 — Sob a direção do dr. Alves Pedrosa, aparece em Indaial o primeiro número de “A Comarca”, semanário que teve alguns anos de vida. O material em que foi impresso êsse jornal pertencera a uma sociedade de Rodeio, que ali imprimia “L’Amico”, jornal católico, em língua italiana e, posteriormente, o “O Escudo”, semanário bi-língüe sob a direção de J. Ferreira da Silva e Mário Locatelli.

★ 13, de 1844 — A colônia São Pedro de Alcântara é elevada à categoria de freguesia e distrito, sob a jurisdição de São José.

★ 12, de 1865 — Por conveniência do ensino é demitido o professor de primeiras letras da vila de Itajaí, Manoel Galdino da Silva. Dois meses depois êsse professor foi reintegrado.

PÁTRIA - COMPANHIA BRASILEIRA DE SEGUROS GERAIS

FUNDADA EM 1945

Matriz: ITAJAÍ — Santa Catarina
Edifício INCO — 3.º andar.

OPERA EM SEGUROS CONTRA FOGO, TRANSPORTES E
ACIDENTES PESSOAIS

Diretoria :

IRINEU BORHAUSEN — diretor-presidente
GENÉSIO MIRANDA LINS — Diretor Superintendente
OTTO RENAUX — Diretor Vice-presidente
HERCÍLIO DEEKE — Diretor Tesoureiro
DR. EDUARDO SANTOS LINS — Secretário Geral.

Administração :

Alípio Carvalho do Amaral — Gerente Geral
Carlos O. Seara — Gerente Executivo
João Amaral Pereira — Assistente Geral

REPRESENTAÇÕES :

SUCURSAL DO RIO DE JANEIRO: Rua Visconde de Inhaúma
13.º andar. — Gerente: Walter Miranda Mueller.

SUCURSAL DE SÃO PAULO: Edifício INCO — Rua Miguel
Couto, 38 — 3.º. Assistentes: Cyro Pires Drumond
e Vicente Mateus Amorim.

SUCURSAL DE CURITIBA: Edifício INCO — Rua Monsenhor
Celso, 36 — Procurador: Dênio Leite Novaes.

FILIAL DE PÔRTO ALEGRE: Edifício Itapiru — Gal. Andra-
de Neves, 155, conjunto 113 — Procurador: Paulo da
Rocha Gomes.

REPRESENTAÇÃO DE BELO HORIZONTE: Sociedade Minei-
ra de Imóveis e Representações Ltda. — Rua dos Cae-
tês, 186 Sobreloja — Belo Horizonte.

UMA SEGURADORA CATARINENSE A SERVIÇO DO BRASIL

SOCIEDADE BENEFICIADORA DE MADEIRAS LTDA.

**Compra e Venda de Madeiras
Para Todos os Fins**

MADEIRAS PARA CONSTRUÇÕES

Telefone, 1248

Rua 7 de Setembro

BLUMENAU

—

Santa Catarina



ELETRO - AÇO ALTONA S/A.

Rua Coronel Vidal Ramos, 925 — Fone : 1338

Caixa Postal, 30 Telegramas : ELAÇO

ITOUPAVA-SÊCA — BLUMENAU

SANTA CATARINA



FUNDIÇÃO DE AÇO

LAMINAÇÃO

FÁBRICA DE MÁQUINAS

FÁBRICA DE FERRAMENTAS

FORJARIA

FUNDIÇÃO ELÉTRICA

